

Acervos de Museus: Diálogos entre Arqueologia e Museologia

Luciane Zanenga Scherer¹
MArquE/UFSC

RESUMO: O artigo salienta a importância do diálogo entre profissionais da arqueologia e da museologia na elaboração de políticas de organização e documentação de acervos arqueológicos, permitindo a reconstrução de paisagens culturais passadas.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia. Museologia. Acervo. Paisagens Culturais.

Museum's Collections: Dialogues between Archaeology and Museology

ABSTRACT: The article discusses the importance of the dialogue between professionals of archeology and museology in the development of organizational policies and documentation for archaeological collections, allowing the reconstruction of cultural landscapes from the past.

KEYWORDS: Archaeology. Museology. Collection. Cultural Landscapes.

¹ Arqueóloga do Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral, MArquE/UFSC, possui Especialização em Paleopatologia, História e Evolução das Doenças Humanas, pela Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro e Mestrado em Arqueologia pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. E-mails: luciane.z.s@ufsc.br / luscherer@gmail.com.

ACERVOS DE MUSEUS: DIÁLOGOS ENTRE ARQUEOLOGIA E MUSEOLOGIA

Luciane Zanenga Scherer

Pesquisas arqueológicas geram informações importantes sobre como viviam grupos humanos pretéritos permitindo a reconstrução de paisagens culturais passadas. No campo (Imagem 01), e, posteriormente em laboratório (Imagem 02), várias questões tentam ser respondidas através de diversas análises envolvendo a participação de uma equipe multidisciplinar. Desta forma, a Arqueologia e a Museologia devem dialogar sobre a elaboração de políticas de organização e documentação de acervos arqueológicos, uma vez que informação perdida gera apenas mais uma peça sem contexto.



Imagem 01. Escavação do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho, Ilha de Santa Catarina. Pesquisador coordenador: Lucas de Melo Reis Bueno. Acervo: MArquE/UFSC



Imagem 02. Limpeza de material arqueológico. Laboratório de Arqueologia. Acervo: MArquE/UFSC.

Em uma pesquisa arqueológica encontramos diversos artefatos de diferentes matérias-primas e muitos deles estão fragmentados. Mas não são apenas artefatos (Imagem 03) e/ou fragmentos de artefatos (Imagem 04), são restos de alimentação (Imagem 05), estruturas funerárias (Imagem 06), fogueiras, fogões (Imagem 07), dentre outros achados, todos registrados em campo sob um número de proveniência em fichas previamente elaboradas para tal fim e, sua integração, nos permitirá inferir como aquele grupo humano vivia e como se apropriava da paisagem.

Por exemplo, a escavação de uma estrutura funerária e seu registro gera vários dados possibilitando sugerir aspectos relacionados à arqueologia funerária, possíveis níveis de hierarquia social, informações sobre aquele indivíduo (sexo, idade, patologias, traumas, marcadores de esforço físico), dentre outros aspectos. Para o registro de remanescentes ósseos humanos a metodologia empregada por arqueólogos e bioarqueólogos brasileiros segue aquela utilizada internacionalmente e pode ser encontrada em publicações nacionais (NEVES, 1984; LORÊDO, 1994; SCHERER & CASTELLANO, 2003; SCHERER; 2005; BEZERRA, I. & SILVA, H., 2009; LESSA, 2011; GASPAR & MENDONÇA-DE-SOUZA, 2013) e estrangeiras (BUIKSTRA & UBELAKER, 1984; CAMPILLO, 2001; WHITE & FOLKENS, 2005; WHITE; BLACK & FOLKENS, 2012; NEVES, 2013). Porém, a metodologia utilizada pela Museologia para esta mesma tipologia de material ainda não está sedimentada e isto parece estender-se para toda tipologia de material arqueológico o que muitas vezes gera conflitos entre arqueólogos e museólogos, especialmente quando o material sai de campo e vai ser tratado em laboratório. Talvez a questão mais controversa seja como e onde numerar as peças e os fragmentos de peças de distintas tipologias.



Imagem 03. Ponta de projétil em lítico, sítio arqueológico Rio Krauel, Vale do Itajaí. Acervo: MARquE/UFSC.



Imagem 04. Fragmentos de cerâmica Guarani, sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho, Ilha de Santa Catarina. Pesquisador coordenador: Lucas de Melo Reis Bueno. Acervo: MARquE/UFSC.



Imagem 05. Restos de alimentação: fauna marinha e terrestre, sítio arqueológico Rio do Meio, Ilha de Santa Catarina. Pesquisadora coordenadora: Teresa Domitila Fossari. Acervo: MARquE/UFSC.

Algumas publicações da área da museologia podem ser consultadas como Camargo-Moro, (1986), Cândido (2004), Oliveira (2008), Spectrum 4.0 (2014), Campos & Granato, (2016), entre outras, mas, infelizmente, a lacuna entre arqueologia e museologia persiste, uma vez que as formas de documentar o acervo arqueológico parecem diferir

entre estas áreas. Aliado a isto, sendo a museologia uma disciplina relativamente nova quando comparada à arqueologia, museólogos encontram dificuldades quando chegam a um museu de arqueologia, cujas pesquisas muitas vezes remontam a meados do século XX, quando não mais antigas, e cujas metodologias de registro em campo e laboratório eram divergentes dependendo do pesquisador e de seus objetivos. Para piorar a situação muitos museus não possuem a documentação completa de seu acervo, em outros casos a documentação primária e o acervo estão alocados em diferentes locais prejudicando a integração dos dados.

O que fazer? Como proceder diante de novas pesquisas? São questões muitas vezes difíceis de responder, porém, o que já foi feito possivelmente deverá ser mantido e adaptado às novas necessidades da Instituição. Mas aquilo que ainda está por vir necessita deste diálogo para que os interesses de ambas as disciplinas não se contraponham, mas se complementem. Assim, protocolos de documentação de acervos arqueológicos devem ser elaborados por estes profissionais em suas Instituições com o objetivo de diminuir a enorme lacuna existente entre suas respectivas áreas.



Imagem 06. Estrutura funerária: sepultamento duplo, Sambaqui Ponta das Almas, Ilha de Santa Catarina. Pesquisador coordenador: Walter Fernando Piazza. Acervo: MARquE/UFSC.



Imagem 07. Evidenciação de um fogão, sítio arqueológico Rio do Meio, Ilha de Santa Catarina. Pesquisadora coordenadora: Teresa Domitila Fossari. Acervo: MARquE/UFSC.

Neste sentido, o MARquE/UFSC atualmente busca este diálogo entre seus diferentes profissionais (arqueologia, museologia e conservação/restauração), na elaboração e execução de projetos de documentação de seu acervo arqueológico (Imagem 08), para que o mesmo possa ser disponibilizado e utilizado em projetos expositivos, projetos de pesquisa e projetos de extensão. Vamos citar alguns exemplos práticos para a compreensão daquilo que estamos falando, ou seja, a importância do diálogo entre estes profissionais permitindo a reconstrução de paisagens culturais passadas.

Desde 1960 vários levantamentos e pesquisas arqueológicas foram desenvolvidos pelo MARquE (BECK e HURT, 1962; PIAZZA, 1965; 1966; BECK, 1970; DUARTE, 1971; BECK, 1972; HURT, 1974; EBLE & REIS, 1976; FOSSARI ET AL., 1990; 1992; 1998; AMARAL, 2003), porém, outros acervos foram incorporados através de transferência de endosso institucional, e, finalmente, alguns artefatos e fragmentos de artefatos foram doados, isoladamente ou formando conjuntos, todavia, sem que houvesse um contexto exato.



Imagem 08. Limpeza e documentação de acervo ósseo humano.
Laboratório de Arqueologia. Acervo: MARquE/UFSC.

Em todas as escavações inúmeros materiais foram coletados, gerando uma quantidade enorme de artefatos e fragmentos de artefatos de diferentes matérias-primas (lítico, cerâmico, conchífero, dente, osso, metal, vidro, etc.). Mais de cem esqueletos humanos foram recuperados nas escavações e mais de uma centena adquiridos por transferência de endosso institucional. Além disso, muitos restos de fauna marinha e terrestre, além de amostras de solo e carvão foram coletados nestas pesquisas.

Finalmente, diversas estruturas foram registradas, como fogueiras, fundos de habitações, estruturas funerárias, entre outros, e, uma grande quantidade de documentação primária (fichas, diários, croquis, fotografias e mapas de campo) foi produzida nestas pesquisas. Ou seja, muito acervo para criar uma documentação arqueológica e museológica pertinentes.

Mas qual a relação disto tudo com a reconstrução de paisagens culturais passadas? A arqueologia pré-colonial trabalha com evidências, com a cultura material, com as formas de apropriação da paisagem pelos diversos grupos humanos. Por outro lado, a arqueologia histórica conta com documentos escritos para auxiliar na interpretação deste passado, contudo, na escavação de um sítio histórico, a cultura material e sua contextualização na paisagem podem revelar evidências distintas daquilo que foi escrito por seus “protagonistas”. Portanto, pesquisas em sítios arqueológicos históricos possibilitam rebater e contestar estes documentos, mas, também, dar veracidade aos mesmos. É neste sentido que a documentação de todo o acervo arqueológico, pré-colonial e histórico, presente em uma instituição museológica poderá dar subsídios para novas pesquisas, gerar novos dados, rebater tantos outros e, finalmente, auxiliar a reconstituir paisagens culturais passadas. Vamos exemplificar o que estamos falando.

Em diversos sítios pré-coloniais litorâneos encontramos muitos ossos e dentes de animais marinhos e terrestres, alguns deles trabalhados para virar um instrumento, outros delicadamente perfurados para compor um adorno (Imagem 09); tantos outros são simplesmente as sobras daquilo que foi utilizado como alimento, quer dizer, o que foi consumido pelo grupo. Todas estas evidências informam sobre algo que aconteceu e, quando reunidas, formam o contexto de uma ou de várias ocupações humanas. O registro em campo indicando o nível e profundidade, a associação com estruturas como fogueiras, sepultamentos, ou mesmo com uma área de descarte, é importante para posterior compreensão e aprofundamento destes dados. Todas as informações registradas em campo são então conjugadas e trabalhadas em laboratório, e posteriormente, outros pesquisadores solicitarão acesso a esta documentação para aprofundar ainda mais o conhecimento sobre estes grupos.



Imagem 09. Dente de tubarão duplamente perfurado, Sambaqui Enseada, São Francisco do Sul.
Acervo: MArque/UFSC.

Assim, com apenas estes ossos e dentes teríamos a possibilidades de saber quais peixes eram consumidos e em qual época do ano, onde seriam pescados e como poderiam ser pescados, poderíamos inferir igualmente a utilização de embarcações. Outros questionamentos surgiriam com as evidências, como: quais espécies de tubarões foram pescadas? Tais espécies chegavam próximo à costa ou eram de mar aberto? Neste caso os grupos estariam navegando mar afora? Por que ossos de baleias acompanhavam alguns sepultamentos? Estas baleias seriam caçadas ou simplesmente encalhavam nas praias? Haveria espécies sazonais, como ocorre até hoje com a baleia franca? Por que alguns dentes de fauna marinha e terrestre serviram como instrumentos de uso cotidiano enquanto outros foram utilizados como adornos funerários? Estes adornos eram preferencialmente encontrados em sepultamentos de indivíduos de qual sexo e qual classe de idade? Havia preferências de alguns destes adornos para sepultamentos infantis, de homens, de mulheres, de mais velhos, de mais jovens? Quais questões socioculturais poderiam ser elucidadas a partir disto? Assim, a documentação arqueológica e museológica deste acervo precisa levar em consideração aquilo que foi produzido em campo, uma vez que é a partir destes dados que poderemos entender como viviam estas populações e como interagiam com seu ambiente.



Imagem 10. Fragmento de faiança fina inglesa, Forte São José da Ponta Grossa, Ilha de Santa Catarina.
Acervo: MARquE/UFSC.

Vamos citar outro exemplo. Pesquisas arqueológicas realizadas pelo MARquE em sítios históricos, mais especificamente nas Fortificações da Ilha de Santa Catarina e Ilhas adjacentes, revelaram a existência de materiais produzidos na Europa, como as finas faianças inglesas (**Imagem 10**) indicando que este material havia sido importado e utilizado possivelmente pela elite local (FOSSARI ET AL., 1992). Porém, entre os vestígios materiais coletados na Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba, na Ilha de Araçatuba (aliás, de difícil acesso dependendo das condições do mar e dos ventos), estavam fragmentos de cerâmica (**Imagens 11 e 12**) e de cachimbo (**Imagem 13**), e seu estudo revelou que estes materiais teriam forte influência das culturas negra e indígena (ROSSI, 2008). O estudo desta tipologia de acervo mostrou algo que parecia estar ausente na história de Santa Catarina, a presença de negros e seus descendentes como mão de obra escrava para trabalho. Estes fragmentos, reunidos em um contexto documentado, narraram uma história, a história do “outro”, ou seja, daquele que não teve voz naquele momento.



Imagem 11. Fragmento de cerâmica com influência negra e indígena, Fortaleza Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba, Ilha de Araçatuba. Acervo: MARquE/UFSC.



Imagem 13. Fragmento de cachimbo com influência negra e indígena, Fortaleza Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba, Ilha de Araçatuba. Acervo: MARquE/UFSC.

Imagem 12. Fragmento de cerâmica com influência negra e indígena, Fortaleza Nossa Senhora da Conceição de Araçatuba, Ilha de Araçatuba. Acervo: MARquE/UFSC.

Concluindo, é neste sentido que podemos afirmar que somente o acervo documentado poderá contar algo sobre aquele momento, sobre aquela ocupação. Esta documentação deve ser a mais completa possível e inicia em campo, dá prosseguimento em laboratório e, finalmente se completa quando profissionais da arqueologia e da museologia dialogam para discutir protocolos de documentação, garantindo que futuros trabalhos de pesquisa no acervo possam aprofundar ainda mais a história de grupos humanos passados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, M. M. V., 2003. **A pesquisa arqueológica na Fortaleza Nossa Senhora da Conceição - Ilha de Araçatuba - Município de Palhoça**. Relatório de Pesquisa. Florianópolis - SC. Processo IPHAN nº 01510.000128/2001-75. R.407; R.408, 2003.

BECK, A., 1972. **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do Litoral de Santa Catarina**. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo.

_____, 1970. Os Sambaquis do Litoral Meridional – Litoral de Santa Catarina. In: ANAIS do Museu de Antropologia da UFSC, Ano III – Fpolis, dez. 1970, nº. 3, p.57-70.

BECK, A. & HURT, Wesley, 1962. **Diário de campo do Sambaqui de Congonhas I e Caieira, Litoral de Santa Catarina**.

BEZERRA, I. & SILVA, H., 2009. Tirando o pó: uma introdução metodológica sobre o tratamento de remanescentes ósseos humanos de origem arqueológica. **Revista de Arqueologia**, v.22, n.2, (ago-dez): 121-135.

BUIKSTRA, J. E. & UBELAKER, D. H. (Ed.), 1994. *Standards for data collection from Human Skeletal Remains*. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey. Research Series, 44.

CAMARGO-MORO, F., 1986. **Museus, Aquisição / Documentação**. Livraria Eça Editora.

CAMPOS, G. N. & GRANATO, M., 2016. **Cartilha de orientações gerais para preservação de artefatos arqueológicos metálicos**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 16p.

CAMPILLO, D., 2001. Metodologia General de la Investigación Ósea. In: *Introducción a la Paleopatología*. Edicions Bellaterra S.L., Barcelona.

CÂNDIDO, M. M. D., 2004. **Arqueologia musealizada: Patrimônio cultural e preservação em Fernando de Noronha**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), 105p.

DUARTE, G. M., 1971. Distribuição e localização de sítios arqueológicos, tipo sambaqui, na ilha de Santa Catarina. ANAIS do Museu de Antropologia, Museu de Antropologia, UFSC, p. 31.

EBLE, A. B. & REIS, M. J., 1976. **Parque Estadual do Tabuleiro**. Aspectos Culturais e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/FATMA. Florianópolis.

FOSSARI, T. (Coord.), 1998. **O salvamento arqueológico do sítio Rio do Meio**. Relatório n. I. Florianópolis, 1998. 130 p.

_____, 1992. **A pesquisa arqueológica do sítio histórico São José da Ponta Grossa**. Anais do Museu de Antropologia da UFSC. 1987/1988. n. 19, p.5-103.

_____, 1990. **Relatório Final da Pesquisa Arqueológica na Fortaleza de Santa Cruz – Ilha de Anhatomirim**. Digitado. Florianópolis: UFSC.

GASPAR, M. D. & MENDONÇA-DE-SOUZA, S. F. (Orgs.), 2013. **Abordagens estratégicas em Sambaquis**. Editora Habilis.

HURT, W., 1974. *The interrelationship between the natural environment and four sambaquis, coast of Santa Catarina, Brazil*. Bloomington, Indiana University Museum, Occasional Papers and Monographs, n. 1.

LESSA, A., 2011. Conceitos e Métodos em Curadoria de Coleções Osteológicas Humanas. **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. 68, n. 1-2, p. 3-16, jan./jun. 2011.

LORÊDO, W. M., 1994. **Manual de Conservação em Arqueologia de Campo**. Ministério da Cultura - Instituto do Patrimônio Cultural Departamento de Proteção, Rio de Janeiro, 1994.

NEVES, W., 1988. **Uma proposta pragmática para cura e recuperação de coleções de esqueletos humanos de origem arqueológica**. Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi, Série Antropológica, 4(1), p. 3-26.

_____, 2013. **Um esqueleto incomoda muita gente...** Campinas, SP, Editora da UNICAMP.

OLIVEIRA, M. M.de, 2008. **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 144 p. : il. ; 28 cm. – (Cadernos Técnicos ; 7).

PIAZZA, W. F., 1965 **O sítio arqueológico do Rio Tavares (Santa Catarina)**. Dédalo, São Paulo, n. 2, p.53-79.

_____, 1966. **Estudos de Sambaquis**. Nota Prévia. Série Arqueologia 2. Instituto de Antropologia. Florianópolis: UFSC.

RAMOS, R. M. S., 2011. **Documentação museológica**: Estudo de caso do Museu do Homem do Nordeste.

ROSSI, L., 2008 **Um Olhar sobre a Cerâmica da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 71 f.

SPECTRUM 4.0, 2014. **O padrão para gestão de coleções de museus do Reino Unido / Collections Trust**. Gestão e documentação de acervos: textos de referência; v. 2. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 256p.

SCHERER, L. Z. & CASTELLANO, C, 2003. Sistema de acondicionamento e armazenamento do acervo arqueológico do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/Museu UFSC. ANAIS do XII Congresso Brasileiro de Arqueologia, São Paulo.

SCHERER, L. Z, 2005. Armazenamento e Acondicionamento da Coleção Osteológica do Museu do Homem do Sambaqui “Padre João Alfredo Rohr”, Florianópolis / Santa Catarina. In: RESUMOS do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Campo Grande.

WHITE, T. D. & FOLKENS, P. A., 2005. *The human bone manual*. Elsevier Academic Press, London.

WHITE, T. D.; BLACK, M. T. & FOLKENS, P. A., 2012. *Human Osteology*. Editora Elsevier.